

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

Apoio

bellissimo®
CAFÉS



O DIÁRIO DE ANNE FRANK

DE FRANCES GOODRICH E ALBERT HACKETT ENCENAÇÃO MARCO MEDEIROS

PRODUÇÃO TEATRO DA TRINDADE INATEL

O Diário de Anne Frank abre a nova temporada do Teatro da Trindade INATEL. A adaptação teatral permitiu, com grande sucesso, colocar em palco esta história tridimensional, plena de humanidade e emoção, promovendo a reflexão e o debate sobre as grandes questões sociais.

E é por acreditarmos que o Teatro deve ter esse papel educativo, agitador de consciências, que trazemos este texto a cena e que desenvolvemos diversas parcerias estratégicas, nomeadamente com o Programa Nunca Esquecer, o Museu do Holocausto, o Ministério de Educação e o Plano Nacional de Leitura, do qual a obra *O Diário de Anne Frank* faz parte, na expectativa de que as várias gerações de públicos possam vir ao Teatro da Trindade e fruir de uma experiência teatral forte e transformadora.

Para este espetáculo foram abertas audições a nível nacional, com o objetivo de encontrarmos uma rapariga e um rapaz, para interpretarem a Anne Frank e o Peter van Dann, respetivamente. Tivemos uma adesão que ultrapassou largamente as nossas expectativas, havendo mais de 600 candidaturas, tendo estas sido reduzidas a apenas 28 finalistas, que tiveram oportunidade de prestar audições no palco do Trindade. Os dois atores escolhidos, apesar de muito jovens, têm já vários créditos no seu currículo: Beatriz Frazão e João Bettencourt completam assim o elenco desta versão encenada por Marco Medeiros.

Referir também que, considerando o contexto atual que estamos a viver e o carácter necessariamente educativo que o espetáculo contém, criámos "O Dia do Estudante". Neste dia, os estudantes poderão assistir ao espetáculo a um preço reduzido.

Estamos confiantes que este será um evento cultural único e memorável.

Diogo Infante

Diretor Artístico do Teatro da Trindade INATEL





Quando o Diogo Infante me lançou o desafio deste texto, ou melhor, deste tema, estava longe da sua verdadeira responsabilidade. A minha primeira tarefa é encontrar o “Porquê” de o fazer. Há dois anos, a nossa curta experiência do confinamento, e digo curta porque a comparo com a vivida por Anne Frank, e a rápida ascensão de partidos de extrema direita no mundo, pareciam motivos mais que suficientes para a pertinência deste espetáculo.

Mais tarde, enquanto pesquisava documentação sobre o Holocausto, fui confrontado com um depoimento de um, ainda na altura sobrevivente, que me definiu a forma nuclear deste espetáculo. Bastaram algumas frases, que passo a citar: “O Holocausto existiu. O genocídio de cerca de 6 Milhões de Judeus foi real. Eu estive lá. Hoje em dia existem filmes, livros, documentários, obras de arte que o tornam algo ficcionado. Temo que com o passar do tempo, inevitavelmente, depoimentos reais, vivos como este, tenham o seu fim e dessa forma a nossa memória transforme o Holocausto em algo fantasioso. Morreram 6 Milhões de pessoas por incompatibilidades étnicas e religiosas. 6 MILHÕES. Não transformem o Holocausto numa peça de museu.”

E assim um peso enorme caiu sobre os meus ombros, que viria a aumentar no dia 24 de fevereiro de 2022. A Humanidade tem a habilidade de transformar a dor na sua cura, mas há dores que não podemos esquecer, para evitar que um dia sejam nossas. *O Diário de Anne Frank* no Teatro da Trindade será a fronteira entre a crueza dos factos e os artifícios que os suavizam. Entre o real e a constante procura do belo onde a beleza não tem lugar. Entre a orquestra que nos embala na descrição dura de uma jovem enclausurada e o mesmo relato num silêncio real e ensurdecedor. Temos a responsabilidade vos informar, de vos sensibilizar, de vos emocionar com uma história real.

Marco Medeiros



O Diário de Anne Frank

por Esther Mucznik

Quero, em primeiro lugar, felicitar o Teatro Trindade e a Fundação Inatel pela decisão de iniciar a programação deste ano com a peça *O Diário de Anne Frank*. Os meus parabéns em particular ao seu director artístico, Diogo Infante, ao encenador Marco Medeiros e a todos os atores cujo rigor, cuidado e entusiasmo fazem desta peça um momento inesquecível.

A peça fala-nos de uma adolescente de 13 anos que nasce em 1929 numa Alemanha humilhada pela derrota da Primeira Guerra Mundial, devastada pela inflação e pela crise económica. Uma Alemanha que aguardava um “salvador”. É assim que chega ao poder um pequeno homem, um propagandista de taberna, inimigo feroz dos judeus a quem acusa de todos os males da Alemanha. Esse homem é Adolf Hitler cujo lema, a partir da sua ascensão ao poder, será “ou nós ou eles”.

Nesta situação a família de Anne composta pelos pais, Otto e Edith, e pela irmã Margot, muda-se para Amesterdão, fugindo do antisemitismo que se espalha na Alemanha cada vez com maior violência. Anne integrou-se bem na nova escola, aprendeu rapidamente a língua e fez amigos. Mas a tranquilidade da família durou pouco: a 1 de setembro de 1939, Hitler invade a Polónia e desencadeia aquela que será conhecida como a Blitzkrieg, ou guerra relâmpago, assim chamada pela rapidez da ocupação nazi da Noruega, Bélgica, Holanda e França, após a da Polónia.

Na noite de 9 para 10 de maio de 1940 os alemães invadem a Holanda e a 14 do mesmo mês o exército holandês rende-se. Viviam no país 140 mil judeus, dos quais mais de 50% em Amesterdão e, tal como a família de Anne Frank, muitos eram alemães que aí se tinham refugiado quando Hitler subiu ao poder.

Poucos meses depois começam a ser tomadas medidas contra os judeus: estes são expulsos da administração pública, os funcionários obrigados a atestar num formulário a sua qualidade ariana, os professores universitários judeus são despedidos e todos os judeus obrigados a registarem-se como tal e a usar a estrela amarela com a palavra Jood, judeu. No verão, são proibidos de entrar em parques, cinemas e outros lugares públicos, incluindo os transportes coletivos. Nesse mesmo ano, os alunos judeus ficam proibidos de frequentar as escolas públicas. Os judeus foram sendo assim afastados da vida social, cultural e económica da Holanda e destruída a sua capacidade de sobrevivência autónoma.

Face a esta situação cada vez mais perigosa, a família esconde-se num anexo secreto que Otto começara a instalar na empresa que criara. Juntam-se a eles mais três elementos da família van Daan, entre os quais o filho Peter, cerca de três anos mais velho do que Anne, e um pouco mais tarde o dentista Dussel. Será neste abrigo apertado e onde o silêncio é obrigatório que vivem durante dois anos estas sete pessoas receosas de serem descobertas a qualquer momento pelos nazis. Um abrigo onde por vezes explode o desespero face a uma promiscuidade que parece eternizar-se.

É aí também que Anne faz 13 anos recebendo como presente um diário, que pela mão do seu pai e único sobrevivente, Otto Frank, revelará mais tarde ao mundo, a esperança, os sonhos e o desejo ardente de viver e de amar de uma adolescente, igual a tantas outras, mas cuja vida será barbaramente aniquilada praticamente no seu início.

Com efeito, a 4 de agosto de 1944, devido a uma denúncia, todos são descobertos e deportados pelos nazis para diferentes campos da morte. O único sobrevivente é Otto Frank, prisioneiro em Auschwitz, e libertado pelo Exército Vermelho a 27 de janeiro de 1945. Anne e a irmã Margot são levadas para o campo de Bergen-Belsen em Hanôver, Alemanha, país onde nasceram e onde ambas acabaram por morrer a escassos dois meses da libertação do campo pelos ingleses em abril de 1945. Tinha Anne 15 anos.

Apesar de terem passado 77 anos da morte de Anne Frank, esta peça é, infelizmente, ainda bem atual no mundo que nos rodeia. Na verdade, aprendemos muito pouco com a História e os mesmos erros, as mesmas barbáries repetem-se embora evidentemente de outra maneira.

De que nos fala esta peça? Fala-nos de ódio racial, de antisemitismo violento, de estereótipos e preconceitos, de inveja e de injustiça. E sobretudo de barbárie programada e planeada para apagar da face da terra vidas consideradas não terem o direito de partilhar o nosso planeta. Nada que não tenhamos visto ao longo destas sete décadas e que infelizmente continuamos a ver à nossa volta. Mas a peça fala-nos também de coragem, solidariedade, resistência e vontade de viver de que Anne é um símbolo, uma pequena luz apagada antes do tempo. Uma peça que nos faz refletir e olhar com mais atenção à nossa volta.



Imaginem-se escondidos num sótão.

Imóveis.

Silenciosos.

Durante dois anos.

Privados da vossa liberdade, porque lá fora reina a morte. Anne Frank tinha apenas 13 anos quando foi lançada a este cruel desafio, juntamente com os seus pais, irmã, um casal amigo com um filho e um homem.

Destas oito pessoas, sobreviveu apenas uma, Otto Frank, pai da Anne Frank, que mais tarde decidiu dar a conhecer ao mundo o diário da sua filha, que morreu num campo de concentração com apenas 15 anos.

Nesse diário, a jovem Anne descreve-nos o período em que sobreviveu à perseguição Nazi, que, entre 1941 e 1945, matou mais de 6 milhões de Judeus, e deixa-nos um testemunho pleno de resiliência e esperança que continua a inspirar gerações até aos dias de hoje.

SALA CARMEN DOLORES

A PARTIR 8 SET

QUA A DOM 21:00, DOM 16:30

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

De **Frances Goodrich e Albert Hackett**

Tradução **Ana Sampaio**

Encenação **Marco Medeiros**

Com **Anabela Moreira, Beatriz Frazão, Carla Chambel, Catarina Couto Sousa, Diogo Mesquita, João Bettencourt, João Reis, Paulo Pinto, Rita Tristão da Silva e Romeu Vala**

Cenografia **F. Ribeiro**

Figurinos **Maria Gonzaga**

Música e desenho de luz **Marco Medeiros**

Direção de fotografia **João Gomes**

Desenho e operação de som **Rui Santos**

Assistente de imagem **Antonio Pinto**

Direção de cena **Pedro Viegas**

Operação de luz **Hugo Cochat**

Técnico de palco **Pedro Gonçalves**

Fotografia cartaz e spot vídeo **Pedro Macedo - Framed Photos**

Fotografia de cena **Alfredo Matos**

Produção **Teatro da Trindade INATEL**

Agradecimentos: **Esther Mucznick, Opticália Rossio e Isto Faz-se – Cake design e Pastelaria**

CONVERSA COM O PÚBLICO

25 SET / DOM. APÓS O ESPETÁCULO







TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística

Diogo Infante

Direção Executiva

Hugo Paulito

Secretariado Direção

Elisabete Duarte

Tesouraria

Telmo Martins

Produção

Andreia Rocha e Maria Cancela

Comunicação

Raquel Guimarães (Coordenadora), **Adriano Filipe,**

Alexandra Gonçalves e Miguel de Jesus Pereira (Designer)

Acolhimento de Público

Rita Martins

Núcleo de Cena

Nuno Pereira (Coordenador)

Direção de Cena

Pedro Viegas e Rosário Vale

Iluminação

Bernardo Martins e Hugo Cochat

Som

Rui Santos

Audiovisuais

Antonio Pinto

Palco

Filipe Bastos e Pedro Gonçalves

Bilheteira

Beatriz Reis e Luísa Oliveira

Manutenção Geral

Vítor Albuquerque

Técnicas de Limpeza

Helena Gameiro (Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus**

Acolhimento / Portaria

Carla Aniceto, Ovisegur – Vigilância e Segurança Lda



www.teatrotrindade.inatel.pt